

Em Xapuri, Fernando Henrique pede colaboração

Xapuri (AC) - Num debate aberto, no meio da floresta amazônica, com lideranças indígenas, seringueiros e ambientalistas estrangeiros, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que a falta de integração entre o Governo federal e a oposição dificultam o desenvolvimento do País. Ele afirmou que falta à oposição "consciência" para entender que o País e a sociedade só avançarão se houver parceria entre as diversas representações da sociedade, e que "não se pode pensar que a burocracia de Brasília, sozinha, vai resolver todos os problemas".

"Eu sei que é bom ir lá, fazer marcha, protestar contra o Presidente. Mas isso não melhora um átomo na vida do povo. Se, ao invés disso, nós nos juntarmos para organizar

o trabalho, fazer convênios, aumentar a conscientização e fazer com que os governos funcionem em parceria, a coisa avança", pediu o Presidente.

Ao lado do governador do Acre, o petista Jorge Viana, Fernando Henrique deu como exemplo para o seu discurso o que ele próprio chamou de "parceria bem sucedida" que o Estado e o Governo federal celebraram na área de meio ambiente. Ontem, depois de visitar as instalações da reserva extrativista Seringal Cachoeira - fundada em 1988 pelo seringalista Chico Mendes, pouco antes de seu assassinato, naquele mesmo ano - Fernando Henrique, Jorge Viana e o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, assinaram uma série de repasses de verbas para projetos de preservação e desenvolvimen-

to sustentado na região, num total de R\$ 1,2 milhão de investimentos.

"O PT é um partido que me faz oposição e eu estou aqui com o governador do Acre, que é do PT. Isso é um exemplo para o Brasil, um exemplo da não-intolerância. Em certas circunstâncias, para que o povo avance, é preciso que uns dêem as mãos aos outros, e que não nos percamos em interesses egoístas", pediu. Ele afirmou ainda que "o pior de uma sociedade democrática é quando se pensa que um só lado tem razão". Segundo o Presidente, "cada um que pensa que só ele tem razão e não ouve o outro, mesmo que ele possa até ter razão, acaba fazendo um mal. Faz um mal porque transforma um movimento bom em fundamentalista, que acredita só nele e tudo mais pertence ao

demônio. Não é assim: nós temos de entender humildemente as dificuldades e os pontos de vista de cada um para que possamos avançar", pontificou.

Mas o Presidente também ouviu, e muito, durante o debate na reserva extrativista. Do secretário de Cultura do Estado, Antônio Alves, foi lembrado de que, desde a anexação desta região ao Brasil, há cem anos, os acreanos pedem e não conseguem "fazer parte efetivamente do País". Do presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros - que Chico Mendes presidia quando foi assassinado -, Fernando Henrique escutou pedidos de reforma agrária nas regiões extrativistas. "O Governo precisa ajudar aqueles que historicamente nunca foram contemplados com o projeto para o desenvol-

vimento da Amazônia", disse José Juarez Leitão dos Santos.

Mas foi do cacique Ubiraci Brasil, da tribo Jaminawá, uma das 18 nações indígenas do Acre, que o Presidente ouviu o discurso mais incisivo. Coberto dos pés à cabeça com as pinturas de guerra de sua tribo, Ubiraci pediu pela aprovação do estatuto indígena - que tramita há anos no Congresso - e fez uma lembrança emocionada da sofrimento histórico dos índios da Amazônia. "Não queremos mais ser tratados como onças e jabutis. Somos seres humanos", pediu, referindo-se à tutela legal a que os índios até hoje são submetidos pela Constituição. "Há 500 anos, o presente que recebemos foi a extinção de nosso povo. Viramos o adubo destas florestas. Agora queremos a garantia de nossa liberdade", discursou.